



Histórias da formação docente: experiências de estágio contadas por meio de relatos reflexivos

Marcos Vogel¹, Thamiris Anacleto Basílio^{2*}

¹Professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Exatas, Naturais e da Saúde, Espírito Santo, Brasil, ²Discente da Universidade Federal Espírito Santo. *thamirisanacleto@hotmail.com

Recebido em: 03/08/2021

Aceito em: 09/10/2021

Publicado em: 25/10/2021

RESUMO

Este trabalho objetivou apresentar relatos reflexivos do processo de Estágio Supervisionado I, II e III do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal do Espírito Santo. Salienta-se o Estágio Supervisionado como uma das principais etapas do processo formativo, sendo muitas vezes, o primeiro contato do aluno no âmbito escolar. Esse período oportuniza experiências que são fundamentais para a construção da identidade docente. Nesse sentido, com os conhecimentos teóricos adquiridos na trajetória acadêmica, há um confronto com a realidade agora observada de perto, ampliando questionamentos e a reflexão. Desse modo, destaca-se o uso de relatos refletivos como um instrumento utilizado nesse processo para reconstrução da trajetória profissional ao analisar e refletir sobre os acontecimentos ocorridos durante a prática.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Relatos reflexivos. Formação de professores.

The history of teacher's formation: experiences of internship told by reflective reports

ABSTRACT

The goal of this work is to present reflective reports about the process of Supervised Internship I, II e III from the course Degree in Chemistry, Federal University of Espírito Santo. The Supervised Internship is highlighted as one of the main stages of the training process, often being, the first contact of the student in the school setting. This period provides opportunities for experiences that are fundamental to build the teaching identity. Therefore, with the theoretical knowledge acquired in the academic trajectory, there is a conflict with reality now closely observed, expanding questions and reflection. Thus, the use of reflective reports stands out as an instrument used in this process to reconstruct the professional trajectory when analyzing and reflecting on the events that occurred during the practice.

Keywords: Supervised internship. Reflective reports. Teacher training.

INTRODUÇÃO

O processo de repensar sua prática pedagógica faz parte do constituir-se professor. Nesse sentido, o Estágio Supervisionado destaca-se por proporcionar a esse futuro profissional, conhecer, analisar e refletir sobre a realidade escolar e o seu futuro local de trabalho, permitindo avaliar seu papel nesse meio (CORTE; LEMKE, 2015).

Sendo assim, essa é uma das significativas etapas na construção do saber durante a formação docente.

Andrade (2005) evidencia que o Estágio é fundamentalmente uma parte integradora do currículo em que o licenciando se compromete em assumir uma identidade profissional. Sendo que, muitas vezes, esse é o seu primeiro contato com as responsabilidades que estão inseridas nessa instituição. Desse modo, esse momento se caracteriza por oportunizar um ensino-aprendizagem, em que concomitantemente esse sujeito adquire conhecimentos teóricos e práticos na posição de aluno e assume sua função na prática como educador.

Algumas ações, como conversas, discussões em sala de aula, leitura de relatos reflexivos dos colegas, possibilitam uma troca de experiências e ideias, no qual os licenciandos compartilham seu cotidiano e vivências na escola, trazendo-as para a universidade. A partir disso, ocorre uma transformação proveniente da mudança dos alunos que passam a se visualizar como professor (JANUÁRIO, 2008). Além disso, ressalta-se o quanto essa socialização possibilita uma reflexão na prática, capaz de resultar em novas perspectivas no ensino e em um novo olhar para sua postura quanto ser professor. Nesse contexto, evidencia-se a utilização dos relatos como um instrumento que permite ao aluno pensar e questionar suas vivências na realização do estágio, refletindo sobre o seu papel na futura profissão.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido a partir das observações e práticas vivenciadas durante a disciplina de Estágio supervisionado em Química I, II e III, como aluna do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal do Espírito Santo, tendo como objetivo apresentar parte dos relatos reflexivos destas experiências no processo formativo. O Estágio supervisionado em Química I foi realizado em uma turma de primeiro ano vespertino, O Estágio supervisionado em Química II em uma turma do segundo ano matutino e o Estágio supervisionado em Química III no primeiro ano vespertino, em uma Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio do Município de Alegre no Estado do Espírito Santo. O relato neste trabalho é pessoal, portanto, a primeira pessoa é usada na escrita indicando essa pessoalidade. Então convido todos a participar desta viagem de formação que está recheada de experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estágio supervisionado I: primeira impressão

Encontrar uma escola para realizar o estágio não é uma tarefa tão simples quanto parece, pelo menos não para mim e acredito que para minha dupla na realização do Estágio Supervisionado também. Após muita luta, uma longa caminhada e uma receptividade super “calorosa” da pedagoga, começamos o nosso estágio. Cheguei na sala e haviam poucos alunos, mas depois de uns 5 minutos chegaram os atrasados. Fiquei espantada. Era uma aula de revisão, pois a nota da prova de todos tinha sido baixa e eles iriam fazer a prova de recuperação, porém os alunos não paravam de conversar. Normal até então, afinal eles não são mudos. Todavia, literalmente ninguém estava nem um pouco interessado em saber o que o professor estava explicando. A turma claramente era dividida em dois grupos: Os do “fundão” e os “interessados”, ou parcialmente interessados. Durante a aula fiquei me perguntando se havia alguma forma de fazer com que os alunos fossem mais motivados e se despertassem para a aula. Infelizmente, enquanto ele tentava corrigir as questões de costas para os alunos, os mesmos gritavam com os seus respectivos grupos e quase não era possível ouvir a voz do professor. Na verdade, não era possível mesmo.

Para quem está lendo ou ouvindo esse relato, pode parecer um exagero esse espanto da minha parte ao comentar sobre algo que aparentemente seja normal, por se tratar de adolescentes e de uma escola pública, mas não é. Essa agora é a realidade observada 4 anos após sair do ambiente escolar. Talvez eu não observava ou pensava dessa forma pois eu estava em outra posição e a responsabilidade também era outra. Porém, não deixa de ser assustador. Não, a minha turma não era assim ou eu não via os seus defeitos pois eram os meus amigos, eu estava do outro lado e dependendo da situação eu achava até um pouco engraçado. Será que essa é a realidade de todas as escolas públicas do Brasil? Em certo momento, o professor disse para os alunos falarem mais baixo se eles não quisessem participar da aula. Me questionei como ele deveria se sentir ao pensar em todos os anos de profissão que tem pela frente. Será que ele nunca pensou em mudar sua atitude para tentar melhorar a situação?

Falei anteriormente nos alunos do fundão e eles estão falando tão alto que estão atrapalhando até o meu pensamento. O professor pensa em formas de fazer com que a turma seja mais participativa ou ele pensa que é melhor continuar do jeito que está por não ter uma solução? Tenho mais dúvidas que respostas e ainda é o meu primeiro dia.

Espero de coração ver um resultado diferente com o tempo, pois se o ditado é verdadeiro e a primeira impressão é a que fica, não vai ficar muita coisa boa não.

Observei uma menina tentando ouvir a explicação dele, mas se ela conseguiu escutá-lo pode se considerar uma vencedora. O que mais vi era alunos escutando música no fone e as vezes sem o fone mesmo, no decorrer da aula. O professor olhava mais para os “parcialmente interessados” e ignorava os outros. Talvez seja isso, eles querem chamar atenção, ser notados e não poupam esforços para mostrar isso ao professor.

Na aula seguinte eles fizeram a prova. Dos 55 minutos de aula, os 10 primeiros foram utilizados para arrumar a sala, mas esse tempo não fez falta para eles. O primeiro entregou a prova em 5 minutos e o último a entregar não gastou mais que 20 minutos. Ansiosos para saberem o resultado da turma? Tudo bem, então vamos lá. A nota máxima foi 6 pontos e as outras notas foram menores que 5 nos mais variados números. O resultado continuou ruim. Reflexo da falta de interesse da turma ou da falta de iniciativa do professor para mudar suas metodologias e obter um melhor resultado?

Nesse momento, continuo com o meu semblante assustado. Olho para minha dupla e vejo que o sentimento é recíproco, pois vejo os seus olhos verdes com medo e acuados. Tento transmitir com os olhos que estamos juntas nessa e que sei exatamente como ela se sente.

Professor e o contexto social

O professor entregou as provas de recuperação e as notas foram tão ruins quanto as notas da prova oficial do trimestre. Juntamente com as provas vieram os sermões. Parecia que estava revivendo a cena de quando a minha turma não atendia as expectativas. As frases eram as mesmas, só foram ditas por pessoas diferentes. “De qualquer forma o dinheiro está caindo na minha conta”, “sem estudo vocês não terão nada na vida”, “com um salário mínimo não dá para fazer nada”, dentre outras do mesmo nível. A meu ver, essas frases prontas não levam nenhum indivíduo a mudar sua forma de agir, na verdade sentem uma repulsa maior por ter que escutar novamente os mesmos sermões. Por incrível que pareça a turma ficou em silêncio por aproximadamente 10 minutos.

Depois disso e após um pedido meu e da minha dupla, o professor nos apresentou para a turma, que nos recebeu com deboche demonstrando toda a simpatia que guardavam dentro deles. Teve a correção dessa prova, que era exatamente igual a

prova oficial. Se eu não estava aguentando mais a mesma postura, imagina eles! É pitoresco rever esses momentos e situações sem estar em nenhum lado. Sinto na verdade uma nostalgia, pois vem um sentimento de tristeza, por ser uma fase tão prazerosa, única e um divisor de águas. É uma fase tão difícil e ao mesmo tempo em que é fácil. É difícil, pois estamos aprendendo a viver, a ter responsabilidades, lidar com os sentimentos e a pressão do futuro. Achamos que sabemos de tudo da vida e tivemos experiências suficientes para tomar conta do próprio nariz, mas com o passar do tempo nos damos conta do quanto estávamos enganados. Pensando bem, parece que enquanto o tempo passa me deparo com o quanto eu não sei e preciso aprender muito.

Olhei para a sala, tão suja. Eu tenho certa dificuldade em acertar detalhes na minha vida se existirem coisas externas fora de ordem. Será que o ambiente ajuda ou motiva alguém a ir para a escola? Visivelmente não é uma escola que cobra uniforme, tênis, posturas, inibição de *smartphones*. Fiquei me perguntando se a proibição determina a postura dos alunos nas aulas. Depende da cobrança ou do contexto histórico dos alunos? Será que toda escola de periferia representa baderna? Pensar em respostas e soluções tem se tornado algo frequente. Essa escola me lembra a mesma que eu estudei por três infelizes anos no meu Ensino Fundamental. A realidade dos meus colegas de classe atualmente não é tão boa. Os professores sentem esse sentimento ao dar aula nesses locais e ao ver como esses alunos levam a vida? Sabemos que não é o certo, mas muitos demonstram isso. Aparentemente são indivíduos sem expectativa. As ações deles seriam um reflexo do que sentem a partir do tratamento que recebem e do que acreditam que os esperam?

Infância perdida, vida adulta perdida

Os alunos juntaram várias cadeiras para que todos ficassem bem próximos e isso me fez lembrar o meu Ensino Médio. Afinal, é tão bom estar com os amigos e fazer as atividades em conjunto. Porém, no meu caso, em um determinado momento tiveram que fazer um mapa de sala para colocar ordem na turma, separar os grupos para diminuir as conversas e aproximar os desinteressados. Será que essa atitude é válida? Para essa turma funcionaria ou é melhor que tenham certa autonomia pelo menos para escolher o lugar de se sentar? Nesse momento, estou me sentindo a *Super Nanny* quando ela apenas observa as crianças fazendo pirraça sem poder fazer nada.

O assunto de hoje era a chácara e o quanto todos estavam “chapados”. Eles têm uns 16 anos, mas parece tem uma vida de adulto a um bom tempo. O que esperar de uma geração que pula etapas essenciais e que aparentemente não vivem a infância que é tão passageira?

Respeito é a palavra chave?

Hoje perguntamos ao professor e as funcionárias o que, para eles, era uma turma boa. Para o professor, turma boa é aquela que demonstra interesse, pois não adianta somente o professor ter desejo ensinar, é necessário que aluno também tenha vontade de aprender. Do ponto de vista das zeladoras, com o respeito o indivíduo reconhece e valoriza ambos profissionais na escola, independente do grau de instrução, passando a se colocar no lugar do outro e conseqüentemente fazendo com que a escola seja um lugar no qual todos tenham uma boa convivência.

Pensando bem todos tem problemas, dificuldades, medos, fraquezas e se nos colocássemos no lugar outro, talvez faríamos com que a vida fosse mais leve, pois repensaríamos nas nossas falas e atitudes. Os alunos se colocariam no lugar do professor e este entenderia a fase e como tratar os alunos. Seria essa a chave para que melhorasse essa relação?

Histórias repetidas daqui a eternidade?

Durante as aulas de estágio, ficamos eufóricos querendo compartilhar as experiências e os acontecimentos que mais nos marcaram. Com toda essa conversa, eu só percebo a cada dia o quanto as histórias se repetem. Só muda o local e as pessoas, são experiências tão parecidas. Lidamos com a mesma postura dos professores e comportamentos parecidos dos alunos. Sinto-me agora mais aliviada, pelo menos eu sei que não está acontecendo somente com a minha dupla e eu, mas com todos os nossos colegas de classe. A postura dos professores é cômoda e repetitiva, fazendo com que sua relação com os alunos a cada dia se torna mais fria. Deveria mesmo estar sentindo alívio ou deveria estar preocupada com a situação que vivenciamos semanalmente?

A culpa é só dos alunos?

Vivo num impasse. Sei que são agitados, são adolescentes e isso é normal. Jogam a culpa toda neles, mas será que fazem isso por que o ser humano é egoísta, tem

um ego inflado e possui extrema dificuldade de reconhecer seus erros? Reconhecer que nem sempre o caminho escolhido é o melhor e por isso talvez seja mais viável retornar ao início e escolher um caminho diferente? Em nenhuma partida queremos voltar algumas casas, pois estamos focados em apressadamente chegar ao destino final, ultrapassando os concorrentes. Nem sempre retornar pode ser algo ruim, pois você pode ter a oportunidade de ganhar a partida passando a jogar de outro modo.

Aprendizagens

As pessoas que passam por nós nos ensinam, deixam suas marcas que se perpetuam por toda a vida. Eu mudo a cada dia e reconheço quem me ajuda nesse processo. Tenho certeza que daqui a alguns anos, pessoas que atualmente desconheço passarão em minha vida podendo mudá-la completamente. Sempre acreditei que eu tinha o poder de administrar todos os acontecimentos em minha vida, pois tenho as rédeas, ou seja, nada o que não quero acontecerá comigo. Porém, essas experiências me fizeram perceber que não temos o controle de tudo e situações inesperadas podem acontecer sem termos a menor das intenções. Minha dupla e eu, tínhamos a intenção de realizar esse estágio em outra escola e desejávamos ter enfrentado situações opostas. Nunca imaginei que estaríamos aqui hoje, com essa turma, justamente nessa escola que eu desconhecia. O processo que nos aparentou ser uma grande desventura, na verdade estava nos preparando para uma rotina de muitas aprendizagens. Ademais, ter realizado esse Estágio Supervisionado em dupla fez com que eu pudesse observar detalhes que às vezes passavam despercebidos, além de ter sempre alguém para discutir sobre diferentes pontos que naquele momento, nos chamavam a atenção.

A cada aula ficávamos imaginando outras formas e metodologias que poderiam ser utilizadas e que talvez fossem mais eficientes naquela aula. Apesar de serem os alunos mais odiados da escola, via lá no fundo o quanto poderiam ter futuros brilhantes se determinadas ações fossem tomadas, fazendo com que pudessem alcançar elevado degrau. Os seres humanos são imprevisíveis e surpreendentes. São como uma caixa de presente, que às vezes por fora pode não aparentar tudo o que se esconde por dentro ou talvez como belo vidro com perfume, que quando você aperta se impressiona com o seu aroma. Quando investimos nas pessoas, podemos ter um resultado que não esperávamos, estava escondido e precisava de um ponta pé inicial para conseguir alavancar de fato. Todos têm um potencial, mas às vezes alguns estão encobertos e

talvez outros nem descobriram ainda. Como formadores, deveríamos se atentar a importância desse investimento, para encorajar e contribuir para o futuro de cada indivíduo. Já pensou na quantidade de futuros que poderiam ser mudados se de fato professores se atentassem a essa atitude aparentemente tão simples?

Estágio supervisionado II: novela

Meu estágio supervisionado II estava no início, mas com organização poderia virar um roteiro de novela. São tantos momentos épicos, extremos de alegria e angústia, aflição e desespero, sem contar as dificuldades diárias que reunidas com esses sentimentos viraram uma tremenda festa. Uma festa que estava na metade e era exatamente o instante que se deveria atentar para aproveitar os últimos momentos, pois o fim estava cada vez mais próximo e não queria deixar para vivê-lo intensamente na sua plenitude quando realmente estiver a poucos dias do desfecho final. Isso é viver esse momento superficialmente, não é verdade? Mas como aproveitá-lo ao máximo mesmo com toda correria que a rotina proporciona?

Percebi que por estar vivendo em uma fase com uma rotina bem agitada eu não estava conseguindo ter um equilíbrio entre todas as atividades, tendo um desgaste emocional e psicológico muito grande. Queria tornar esse semestre diferente neste sentido. Queria viver não apenas em função de uma ou duas coisas, mas queria simplesmente viver. Conciliar é a palavra e colocá-la em prática não é fácil. Foi um desafio e ainda é. Além disso tudo, aprendi que deveria gerenciar o meu Eu, pois se não cuidasse de mim mesma eu não conseguiria cuidar de mais nada.

Neste semestre, a partir das observações do estágio aprendi também a valorizar o outro julgando menos as suas ações. Passei a olhar as diferenças com outros olhos não menosprezando a postura diferente, mas procurando entender o motivo e a razão daquele sujeito ter aquela determinada postura.

Conversando uma aluna mergulhei em sua triste história e me comovi ao perceber suas dificuldades em direção aos seus objetivos. Sei que é algo universal. Quem não passa por alguma dificuldade? Se todos fossem contar nos comoveríamos uns com os outros e perceberíamos o quanto somos semelhantes, apesar de nossas diferenças. Porém, parece que falta paciência para entender o outro, falta saber ouvir, falta respeito, falta tanta coisa que com o passar dos anos estamos esquecendo de resgatar. Tudo devido a uma correria que as atividades individuais nos proporcionam.

O professor e os alunos

Muitos lidam com o mesmo professor no estágio. Até quem não o conhece, pelas nossas descrições imaginam como ele é. Em um dia de estágio bem angustiante, expus meu sentimento sobre como era a situação em que se encontravam os alunos.

Só consigo pensar nos alunos em um imenso buraco de 30 metros de altura, o professor acha que está utilizando as melhores ferramentas como se estivesse pendurando uma escada para ajudá-los ou esticando uma corda. Porém, está simplesmente esticando o seu braço que será insuficiente para resgatá-los tendo em vista a altura do buraco. Como ter a noção que a atitude utilizada não está sendo suficiente? Utilizar a mão é mais fácil, afinal não precisa correr atrás de outras ferramentas, mas ao se esforçar para procurar outros meios, estes poderão ser mais eficientes nesse processo. Se não está conseguindo procurar outros meios, por que não ir atrás de quem tem? Por que não investir em outras fontes de conhecimento que podem lhe ajudar em seu próprio meio de trabalho?

Durante as aulas, quando o professor explicava o conteúdo, sempre falava sobre as coisas como se os alunos já tivessem previamente clareza do assunto que estava sendo tratado. O problema é que essa é uma situação cumulativa. Sempre que “avancamos”, os atuais professores pressupõem que temos certos conhecimentos sobre determinados assuntos que muitas vezes não temos.

Não adianta a casa ter uma aparência perfeita e um designer invejável, se no início da obra o profissional não se atentar para a coluna que sustenta paredes e tetos e para o pilar que sustenta estruturas inteiras. O pior de tudo isso é imaginar que se existem problemas iniciais, como continuar a construção fingindo que não há nada de errado? Essa postura seria tomada por um mau profissional que não tem responsabilidade com o seu trabalho, e que não tem ciência dos danos que causará não a si, mas as outras vidas envolvidas nessa situação. Não adianta ignorar. Não se deve atentar apenas ao acabamento ou em certas etapas, pois todas são cruciais e é a base que garante todo suporte da construção.

O outro

Quando olhava as situações vividas pelos alunos muitas vezes revivia as situações parecidas que eu vivi. Tive “*flashbacks*” em vários momentos e isso me fez ficar pensando na complexidade dessa vida. No quanto estamos aqui, mas que depois esse momento só ficará na memória. É algo tão óbvio e ao mesmo tempo tão profundo.

Esses momentos, me fizeram aprender a valorizar não apenas outro, como também o agora. Antes só pensava e aguardava a passagem deste momento, mas agora quero vivê-lo aproveitando tudo o que o presente pode me ensinar.

Quando vejo esses alunos, lembro-me do quanto pensava que no decorrer dos anos iria ter todas as respostas para as minhas dúvidas, tendo a certeza das decisões que deveriam ser tomadas e que vida adulta me possibilitaria um passaporte só de ida para viver a minha melhor fase. Mas a verdade é que a dúvida sempre caminha ao nosso lado, o que muda é apenas o assunto, mas o sentimento é o mesmo. A sensação de sempre estar pisando em falso me parece ser eterna, simplesmente por que é impossível não errar sendo cheia de defeitos. O problema é que nunca estamos preparados para isso, para lidar com isso. Tenho a sensação de esperar por algo que nunca virá ao meu encontro. Certas respostas.

A verdade é que sempre pensamos que viveremos o nosso melhor momento no futuro. Entende-se o agora fosse aquela etapa ruim, mas que lá na frente a felicidade nos encontrará de braços abertos. Dessa forma, não aproveitamos o presente dando a ele sua devida importância e acabamos nos fadigando com a sobrecarga de problemas. Com o passar do tempo, ao relembrar esses momentos do passado, percebemos o quanto tudo foi especial e marcante em nossa vida, mas que infelizmente não podemos voltar atrás para vivê-lo novamente.

Dúvidas

O que sempre me acompanha na vida e sempre me acompanhou na minha trajetória dentro do estágio foram as dúvidas. Sempre tive e tenho muitas. Porém, descobri e percebi que nesta profissão não encontraremos as respostas se nós não formos atrás delas. A tentativa deve caminhar ao nosso lado, pois precisaremos utilizá-las nesse processo. São muitas pessoas diferentes, logo turmas diferentes passarão por nós e não adianta tratá-las de um mesmo modo. Não adianta sentar e esperar o arco-íris aparecer do nada, pois sem chuva ele não aparecerá.

Não existe uma receita exclusiva que entregam em nossas mãos que diz exatamente quais passos teremos que dar nessa profissão, mas alguns passos terão que ser tomados e só arriscando certas possibilidades saberemos o que é melhor ou não. No caminho durante a longa jornada a procura das respostas viveremos momentos que nos amadurecerão, fazendo a cada momento perceber pontos que nos levarão as respostas.

Experimentos

Inesperadamente, o professor em um dia de planejamento nos pediu para preparar um experimento. O próprio que eu nunca imaginei que pudesse sugerir algo de certa forma novo, pelo menos para os alunos. Lembro-me de como fiquei surpresa pelo pedido, logo que veio de um professor que nunca tentou fazer nada, pelo menos durante o período em que o acompanho. O tema era eletroquímica e, além disso, o professor pediu dois experimentos: um que utilizasse mais materiais presentes no laboratório e outro com materiais presentes no cotidiano dos alunos.

O importante é que nessa mesma semana, também fizemos o experimento com os alunos. O que posso dizer é que foi uma das melhores experiências desse semestre. Ao ver os olhinhos brilhando, a curiosidade, o interesse e a vontade de alunos que normalmente não dão a mínima para as aulas clássicas do professor, senti uma imensa alegria. São alunos bons e que na maioria das vezes são rotulados como ruins pelo seu comportamento, mas os alunos que são “ruins” ou são os professores que não estão cumprindo seu papel no processo de ensino?

Estágio supervisionado III: o início do fim

Sinto como se fosse às 2h da madrugada na festa que comentei no primeiro relato do Estágio Supervisionado II. Estamos próximos do fim. Em todos os estágios da vida ciclos se abrem e fecham e mesmo tendo consciência disso, eu nunca estou preparada para lidar com a finalização destes ciclos. Afinal, não se sabe qual a surpresa que irá bater em sua porta e mesmo o novo sendo sempre tão aguardado é proporcionalmente e concomitantemente temido.

O Estágio Supervisionado de Química III, foi realizado em uma turma do primeiro ano vespertino. Pelo elevado índice de reprovação, em sua maioria, a turma é a mesma de quando eu estava realizando o Estágio Supervisionado I. A turma não fala, a turma grita. Da última cadeira em que observo a turma, literalmente não consegui ouvir a voz do professor em nenhum momento. Parece que estou em uma feira.

Ao observar esses alunos vejo-me tentando mergulhar em suas praias para entender o que se passa além de todas as imensuráveis ondas que são exibidas durante as aulas. Sempre me indago, quais são suas relações com suas famílias? Como os incentivam? Quais males enfrentam fora da escola? Quais são suas expectativas? São vidas, futuros,

conhecimentos que marcam e tempos que são tão cruciais para o desenvolvimento deles como seres humanos.

Plantar para colher

Há um confronto do meu Eu com Ele mesmo. Acredito no ser humano, mas simultaneamente sinto como se algumas situações estivessem perdidas. Que independente de atitudes individuais, certas coisas nunca mudarão. Me parece que assim como existe o doce e azedo, variando de alimentos a pessoas, do mesmo modo, existem coisas que são o que são e não se tornarão diferentes por que ansiamos por isso. Talvez há impossibilidade de alterar certos finais, mas poderia ser possível investir no começo. Afinal, só se planta o que se colhe. Quais são as sementes que estão sendo plantadas? No decorrer do estágio, observei que entendia os alunos, da mesma forma que também entendia o professor e ao mesmo tempo discordava deles. Pensava nas relações que também influenciavam no processo, as relações aluno-família, aluno-aluno, professor-aluno. Além disso, sabia que todos eles são o que são pelas experiências que tiveram. Entretanto, penso que a síndrome da Gabriela, não deve ser levada para o caixão. “Eu nasci assim, eu cresci assim e sou mesmo assim”. Devemos melhorar no que pudermos procurando a melhor versão de nós mesmos. Essa busca é incessante, levando em consideração que a cada dia podemos observar atitudes não aprovadas por nós e que precisam ser melhoradas.

Me lembro do mito da caverna, em que temos no geral, tanta vontade de fazer com que os prisioneiros saibam da existência de um outro lado bem mais iluminado que o lado em que se encontram. A grande questão é que assim como os prisioneiros nem quiseram dar ouvidos as ideias de um “louco”, as pessoas em nosso redor não querem dar um primeiro passo. O ex-prisioneiro foi dominado e eliminado pelos que não lhe deram credibilidade. Anseio que em algum futuro incerto, sejamos a maioria e que os eliminados sejam os que infelizmente já estão completamente acostumados com uma caverna escura, angustiante e que não se possibilitam a abertura em novas possibilidades.

O proibido nos atrai?

Na aula de revisão, alguns dos "bagunceiros" estavam na área externa da escola e uma funcionária foi perguntar ao professor, se o mesmo autorizou a ida desses alunos

naquele local, pois é proibido ficar fora de sala. Essas restrições são mesmo necessárias? A escola está formando alunos disciplinados ou revoltados com o aprisionamento?

Caminho pouco iluminado

Nas semanas de planejamento e posteriormente na semana que fui apresentar o plano de aula para o professor responsável pela disciplina de estágio, escrevi um relato com declarações que não gostaria que tivessem realmente acontecido durante essa etapa. Não sei afirmar se não estava nos meus melhores dias, se estava em uma semana conturbada, ou se foi uma junção disso com outros fatos até então desconhecidos por mim. A verdade é que fiquei decepcionada comigo mesma por não conseguir alcançar o que esperava para esse momento. Por que não consegui pensar agregando com todos conhecimentos que me possibilitariam permitir que isso acontecesse? Não gosto de me sentir assim, pois costumo me culpar infinitamente por coisas que sei que deverão ser vistas não pelos olhos da condenação, mas pelos olhos da apreciação.

Mas como apreciar a vivência de um momento indesejado? Aceitando que não nascemos prontos, mas que aos poucos, com a ajuda de pessoas que estão ao nosso redor, vamos nos desenvolvendo como seres humanos e profissionais. Aprendizagem é um eterno caminho que deve ser trilhado com paciência, sabendo que a cada passo, apesar de se estar mais à frente, sempre terá uma estrada que ainda não foi trilhada. O importante é nunca deixa de dar mais um passo. Felizmente, ao conversar com o professor da disciplina de Estágio Supervisionado, o mesmo me deu uma luz iluminando um caminho que até então estava pouco iluminado e acrescentando mudanças satisfatórias nessa etapa.

O melhor é ter pessoas ao nosso redor que nos ajudam a tirar a venda dos olhos para que precipitadamente não caiamos na ribanceira. Agora está tudo bem. É uma etapa, estou me desenvolvendo e apesar de parecer estar aparentemente sem meus conhecimentos e minha criatividade, não deixaria e nem deixarei de me esforçar o suficiente para conseguir me superar pessoalmente e profissionalmente.

Experiências

Sempre há uma luz no fim do túnel. Com a pilha que ganhei do especialista, acendi minha lanterna e o caminho que anteriormente estava pouco iluminado,

abrilhantou. Nessa semana, comecei minha regência, e sinceramente não criei muitas expectativas, pois há um longo tempo venho acompanhando esses alunos. Porém, fui surpreendida. Não é uma turma que possui muito foco, mas eles foram participativos, se empenharam e se esforçaram durante essas aulas, de uma forma que nunca os tinha visto. Não pareciam os mesmos, e verdadeiramente não estavam sendo os mesmos. Afinal, a cada momento vamos nos transformando a partir das experiências que são vividas por nós. Percebi o quanto uma atitude, mesmo as mais simples, são valiosas e podem ter um retorno satisfatório. Vale a pena tentar, arriscar e investir.

Percebi que a partir desse contato, o professor também está repensando sua postura como profissional. E assim prosseguimos, aprendendo e ensinando nossos conhecimentos a partir desse contato com o outro, acrescentando e contribuindo em sua formação.

Relato final

Olho o passar do tempo. Agora estava aqui, de repente passou, passado já se tornou, se juntando a milhares de momentos que formam quem sou. De todos esses momentos, até mesmo o que já considerei o pior deles, vivenciaria todos novamente, pois sem eles não teria esse posicionamento atual.

E um ciclo se fecha e junto com ele imensuráveis aprendizagens. Várias pessoas participaram dessa jornada e contribuíram para o desenvolvimento dessa etapa. Etapa que não tinha somente flores, eram recheadas de espinhos. Porém, foram peça chave na nossa preparação para as fases seguintes. Afinal, seria ótimo jogar sequencialmente a partida de um jogo no videogame. Porém, na realidade perdemos, tentamos novamente, pensamos em desistir, insistimos e no final valorizamos toda a vitória, pois sabemos o quanto foi difícil conquistá-la. Não existe sentimento melhor do chegar na fase final e de saber que sobrevivemos a todas as noites perdidas de sono, todos os momentos estressantes, todo choro, angústia e o sentimento de afogamento e conseguiremos tocar no troféu que simboliza um marco de toda essa perseverança. Com paciência, conseguimos o que almejávamos e apreciaremos e vivenciaremos um sonho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebi que nos primeiros períodos pensava que o estágio acrescentaria apenas a nós, os alunos no processo final da graduação. Porém, vi que além de nós, os alunos da

escola e o professor também foram positivamente afetados. Essa inicialmente simples ida ao estágio com pequenas participações em atividades diferenciadas, tenho certeza que assim como me marcou profundamente e contribuiu tanto na minha história, da mesma forma ensinou e marcou todos os que estavam envolvidos direta ou indiretamente.

Nesse período, notei o quanto esses alunos eram inferiorizados pelos próprios profissionais, mas quais eram as sementes que estavam sendo plantadas para que essa situação se invertesse? Por imaginarmos que ao optar pelo caminho da mudança teremos um percurso extenso, trabalhoso e que no final será inútil, preferimos nem começar a caminhada. Para que mexer na colmeia de abelhas? Para que se cansar desnecessariamente, não é mesmo? Todavia, não temos uma bola de cristal em mãos para saber o que o futuro vai nos proporcionar. Deixar de investir em um aluno por imaginar que não terá resultado é como deixar de jogar na mega sena por acreditar que por termos uma chance bem pequena de ganhar não vale a pena jogar, e com isso podemos desperdiçar o divisor de águas em nossas vidas. Porém, aqui são futuros que estão em jogo, são muitas vidas e não unicamente a nossa. Não sei como deve ser a sensação de conseguir ganhar essa quantidade de dinheiro, mas posso dizer que deve ser o mesmo sentimento, felicidade e orgulho que os professores sentem ao nos ver trilhando certo caminho.

A pergunta que me fiz desde o Estágio Supervisionada I foi: Quais sementes estão sendo plantadas hoje para que se possa no futuro colher lindas flores e suculentos frutos? Sei que quando vamos plantar, é importante seguir alguns passos, separar alguns materiais e preparar a terra, antes de colocar o que queremos que seja plantado. Do mesmo modo, estamos nos preparando, separando os materiais, elaborando estratégias no ensino, visando um produto final ao jogarmos as sementes do conhecimento. Podem surgir várias intempéries no meio desse percurso, mas apesar de não serem tão atrativas, fazem parte do processo, fazem parte da vida e, talvez sem a intenção, acabam influenciando e nos ajudando no nosso desenvolvimento profissional. Afinal, quando eramos crianças poderíamos até ter chorado com os tombos consequentes dos primeiros passos que tentávamos dar. Porém, através da tentativa e dos tombos, que hoje aprendemos a andar.

Sendo assim, observei que nós participamos da trajetória de outras vidas, contribuímos com nossos conhecimentos e jogamos as primeiras sementes que no

tempo certo darão frutos, pois certamente depois do contato do professor conosco, o mesmo certamente continuará regando, fazendo com que a terra antes seca e sem folhas, seja notavelmente apreciada por sua vivacidade. Professores ensinam, plantam sementes, regam e dá um trabalho danado viu? Mas para o jardineiro ou para quem faz isso porque realmente ama o que está fazendo, se torna uma atividade prazerosa, pois não há nada melhor do que admirar no final lindas flores provenientes de seu próprio esforço e saber que você contribuiu para que ela estivesse daquele jeito. Não é inútil plantar sementes, mas é inútil cruzar os braços e esperar que essas belas flores apareçam sem que se faça nenhum empenho para isso. Que eu (nós), venhamos agir e plantar sementes, pois apesar de ser um processo lento e que requer cuidado, no final essas sementes podem dar frutos, sendo admirada por um grande público em nossa volta e principalmente por nós mesmos.

REFERÊNCIAS

CORTE, A. C. D.; LEMKE, C. K. O estágio supervisionado e sua importância para a formação docente frente aos novos desafios de ensinar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015. Paraná. *Anais...*, PUC-PR: EDUCERE, 2015.

DE ANDRADE, A. O estágio Supervisionado e a Práxis Docente. *Estágio Curricular*, n. 7, p. 21-26, 2005.

JANUARIO, G. O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E INVESTIGAÇÕES DE/EM AULAS DE MATEMÁTICA, 2., 2008, Campinas. *Anais...*, Unicamp: SHIAM/GdS/FE 2008. v. único. p. 1-8. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Gilberto_06.pdf. Acesso em: 09 fev. 2020.